



A DOR EM CRIANÇAS ONCOLÓGICAS HOSPITALIZADAS: UMA REVISÃO NARRATIVA

Pedro Henrique Nascimento Santos¹, Valdemar Silva Almeida², Cintia Carolina Silva Gonçalves³, Lara Leite de Oliveira⁴, Maria do Carmo de Oliveira⁴



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n6p362-374>

Artigo recebido em 25 de Abril e publicado em 05 de Junho de 2025

ARTIGO DE REVISÃO

RESUMO

INTRODUÇÃO: A infância é uma fase da vida que deveria ser marcada por alegria, aprendizado e crescimento, contudo, milhares de crianças brasileiras acabam tendo essa importante fase interrompida pelo diagnóstico do câncer. **OBJETIVO:** refletir a respeito do manejo lúdico do fenômeno doloroso na abordagem às crianças hospitalizadas no contexto oncológico. Metodologia: foi feita uma reflexão, onde optou-se por fazer uma revisão narrativa. Para isso, foram realizadas buscas eletrônicas nas bases de dados: e-SciELO (SciELO), Google Scholar e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-BIREME). **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** na abordagem com crianças, é necessário buscar meios de acessar seu mundo, que muitas vezes é vivenciado por meio de brincadeiras que permeiam o imaginário infantil. **CONCLUSÃO:** considerando que a dor é subjetiva e cada pessoa responde de maneira diferente, torna-se necessário que os profissionais da saúde conheçam os aspectos inerentes do fenômeno doloroso para mitigar os efeitos deletérios deste. Sendo assim, desenvolver atividades que, por meio da ludicidade, podem tornar menos traumático os dias no hospital.

Palavras-chave: Criança, Câncer Infantil, Lúdico, Dor, Atividades.

Pain in Hospitalized Pediatric Oncology Patients: A Narrative Review

ABSTRACT

INTRODUCTION: Childhood is a stage of life that should be marked by joy, learning, and growth. However, thousands of Brazilian children have this important phase interrupted by a cancer diagnosis. **OBJECTIVE:** To reflect on the playful management of the pain phenomenon in the care of hospitalized children within the oncological context. **METHODOLOGY:** A reflective narrative review was conducted. For this purpose, electronic searches were carried out in the following databases: SciELO, Google Scholar, and the Virtual Health Library (VHL-BIREME). **RESULTS AND DISCUSSION:** In the care of children, it is essential to find ways to access their world, which is often experienced through play and the use of imagination. **CONCLUSION:** Considering that pain is subjective and each individual responds differently, it is necessary for healthcare professionals to understand the intrinsic aspects of the pain phenomenon in order to mitigate its harmful effects. Therefore, developing activities based on playfulness can help make hospital stays less traumatic.

Keywords: Child, Childhood Cancer, Playful, Pain, Activities.

Instituição afiliada – GRADUADO EM ENFERMAGEM PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)¹, GRADUANDO EM ENFERMAGEM PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)², MESTRE EM ENFERMAGEM PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE(UFS)³, DOUTORADO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)⁴.

Autor correspondente: Valdemar Silva Almeida svaldemar687@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A infância é uma fase da vida que deveria ser marcada por alegria, aprendizado e crescimento. No entanto, para milhares de crianças em todo o Brasil e em todo o mundo, essa fase é interrompida de maneira abrupta devido ao diagnóstico de câncer. Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer¹, estima-se que aproximadamente 8.460 casos de câncer infantojuvenil serão diagnosticados no Brasil apenas em 2022. Essa estatística alarmante não apenas ressalta a gravidade do problema, mas também coloca em evidência uma triste realidade: o câncer é a principal causa de morte entre crianças e jovens com idades entre um e dezenove anos.

A experiência da criança hospitalizada, sobretudo quando enfrentando um diagnóstico de câncer, é uma jornada repleta de desafios e adversidades que vão além da compreensão de qualquer adulto. A infância da criança com câncer é atravessada por traumas, pelo confronto constante com a dor e, não raramente, pelo medo onipresente da morte. O tratamento oncológico impõe a essas crianças uma série de procedimentos médicos invasivos, efeitos colaterais debilitantes e uma dura batalha pela vida. A dor, que é um dos sintomas mais comuns associados ao câncer, não se limita ao aspecto físico, mas também impacta emocionalmente seus cuidadores, que testemunham o sofrimento de seus entes queridos. Essa dor pode ter várias origens, seja pela própria evolução da doença, pelos efeitos colaterais do tratamento, ou pelos procedimentos médicos invasivos realizados para diagnóstico e tratamento².

O cenário de tratamento do câncer infantojuvenil é ainda mais complexo nos países em desenvolvimento, como o Brasil. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a falta de acesso a tratamentos eficazes para o câncer infantil nos países em desenvolvimento é uma questão séria de saúde pública. Enquanto nos países desenvolvidos, a dor oncológica muitas vezes está relacionada aos efeitos colaterais de tratamentos agressivos, nos países em desenvolvimento, a dor frequentemente está intrinsecamente ligada à progressão da própria doença. O acesso limitado a recursos e tratamentos de qualidade torna essa luta ainda mais árdua e desafiadora².

Este artigo tem como objetivo principal refletir sobre a vivência das crianças em tratamento oncológico, colocando em destaque a relevância das abordagens não

farmacológicas para o enfrentamento da dor e o apoio ao bem-estar emocional desses pacientes. Além de explorar a dor associada ao câncer e suas múltiplas origens, este estudo também examina como as Práticas Integrativas Complementares podem ser integradas ao tratamento convencional para proporcionar alívio, conforto e suporte às crianças infanto-juvenis com câncer. O objetivo é enfatizar a importância de considerar a criança como um todo, abordando não apenas os aspectos físicos da doença, mas também os aspectos emocionais e psicológicos que desempenham um papel fundamental na jornada de tratamento.

Desta forma, este artigo representa uma oportunidade de aprofundar nossa compreensão sobre as experiências das crianças com câncer, suas famílias e a equipe de saúde que as assiste. Além disso, busca destacar a importância de uma abordagem abrangente e multidisciplinar para o tratamento do câncer na infância, reconhecendo que o cuidado de qualidade vai além do aspecto puramente clínico e se estende ao suporte emocional e ao bem-estar geral dos pacientes jovens. Por meio da análise reflexiva e da consideração das práticas alternativas, este artigo almeja contribuir para uma abordagem mais compassiva e eficaz no enfrentamento do câncer infantojuvenil, reiterando a necessidade de investir em soluções que promovam não apenas a cura, mas também o alívio do sofrimento e a melhoria da qualidade de vida.

METODOLOGIA

O presente artigo se insere na categoria de pesquisa acadêmica qualitativa, realizando uma análise reflexiva sobre abordagens não farmacológicas para o manejo da dor em crianças com câncer. O método empregado para a condução deste estudo compreende uma revisão narrativa, que consiste em uma abordagem de pesquisa que permite uma exploração ampla e aprofundada do tema em questão, a partir de fontes de informações disponíveis na literatura acadêmica e científica. 3 O primeiro passo da pesquisa envolveu a realização de buscas em bases de dados relevantes para a temática, incluindo a e-SciELO (SciELO), Google Scholar e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-BIREME). A busca abrangeu artigos científicos, revisões e estudos relacionados à oncologia pediátrica, métodos não farmacológicos para gerenciamento da dor, a medição da dor, práticas integrativas complementares e o papel da enfermagem no

cuidado de crianças hospitalizadas.

Os descritores utilizados para a busca, tais como "câncer infantil", "lúdico", "dor", "medição da dor", "práticas integrativas complementares", "enfermagem" e "criança hospitalizada", foram escolhidos cuidadosamente para abranger uma gama abrangente de informações relacionadas ao tópico, garantindo a inclusão de perspectivas multidisciplinares. Essa seleção criteriosa de descritores é uma etapa essencial em pesquisas que buscam compreender e sintetizar o conhecimento disponível em um campo específico.

A revisão narrativa, como método, permitiu que os autores explorassem e avaliassem criticamente a literatura disponível sobre as abordagens não farmacológicas para o manejo da dor em crianças oncológicas. A análise reflexiva dos estudos e informações obtidas, proporcionou uma compreensão aprofundada do tópico e a identificação de tendências, desafios e lacunas no conhecimento.

Portanto, o presente artigo adotou uma abordagem metodológica que se baseia na revisão narrativa, destacando-se pela capacidade de integrar e analisar de forma crítica as evidências disponíveis sobre o tema, contribuindo para uma compreensão mais ampla e abrangente do manejo da dor em crianças com câncer, especialmente no contexto de práticas não farmacológicas e o papel fundamental da enfermagem nesse processo

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1-A dor para crianças oncológicas hospitalizadas

A dor na oncologia pediátrica é uma manifestação complexa que pode se apresentar de duas formas principais: crônica e aguda. A dor aguda é caracterizada por ser de caráter passageiro e de curta duração, frequentemente relacionada aos procedimentos médicos aos quais a criança em tratamento é submetida. Esses procedimentos podem variar desde exames diagnósticos até tratamentos terapêuticos intensivos. Enquanto a dor aguda é geralmente transitória, ela não deixa de ser impactante e exige atenção imediata².

Por outro lado, a dor crônica é persistente e episódica, sendo uma constante na vida de muitas crianças com câncer. Ela se apresenta como um fardo adicional a ser



carregado, muitas vezes 4 por longos períodos, ao longo do tratamento oncológico. A dor crônica pode ter múltiplas origens, incluindo as próprias manifestações da doença, os efeitos colaterais dos tratamentos e as complicações decorrentes do câncer. É uma realidade que afeta profundamente a vida das crianças, interferindo em diversos aspectos de seu bem-estar físico, emocional e social².

A Organização Mundial de Saúde (OMS) destaca que a dor crônica em crianças com doença crônica, como o câncer, pode ter um impacto significativamente negativo em diversos aspectos de suas vidas. Essa dor persistente não apenas afeta o aspecto físico, mas também pode influenciar a capacidade da criança em praticar atividades físicas, comparecer regularmente à escola, manter padrões de sono adequados, participar ativamente na vida familiar e nas relações sociais, bem como influenciar o humor e o estado emocional. Trata-se, portanto, de um fenômeno doloroso que envolve toda a vida da criança, afetando não apenas sua saúde, mas também seu desenvolvimento global².

A avaliação e o manejo eficaz da dor crônica em crianças com câncer são elementos cruciais no processo de cuidado. Essas ações não apenas aliviam o sofrimento das crianças, mas também melhoram significativamente sua qualidade de vida. No entanto, a abordagem da dor crônica em crianças com câncer é complexa e requer uma atenção especializada. É fundamental que os profissionais de saúde que atuam nesse contexto estejam bem treinados e sejam sensíveis às necessidades específicas das crianças. Além disso, é necessário que a equipe de saúde desenvolva estratégias de ação que facilitem a aproximação, a construção de confiança e a criação de vínculos sólidos com a criança e sua família. A importância dessas estratégias vai além do aspecto clínico, uma vez que o tratamento do câncer envolve um impacto significativo nas interações sociais da criança. As complicações do tratamento, os períodos de hospitalização e os desafios emocionais podem afetar negativamente o convívio social da criança. A construção de estratégias de manejo da dor, além de proporcionar alívio, também auxilia no enfrentamento das complexidades sociais que podem surgir durante o tratamento. A promoção do bem-estar emocional e social da criança é tão importante quanto o tratamento médico em si, e essa abordagem integral é essencial para que a criança possa enfrentar o câncer com maior resiliência e qualidade de vida².

Em resumo, a avaliação do fenômeno doloroso em crianças com câncer é uma atividade essencial na prática clínica. Ela desempenha um papel crucial na identificação e no tratamento adequado da dor.

2-O brincar como método não farmacológico para o alívio da dor

Partindo do princípio de que a dor oncológica da criança é multifatorial, ou seja, compreende tudo o que diz respeito ao biológico, psíquico e social, portanto, é possível controlar por meio de atividades integrativas, sem necessariamente recorrer somente a administração de analgésico³.

Em um estudo(3),autores responsáveis pela elaboração do artigo “Métodos Não Farmacológicos para o Manejo da Dor em Oncologia Pediátrica: Evidências da Literatura”, ressalta a importância do uso da abordagem não farmacológicas para o alívio da dor, a exemplo de: meditação, musicoterapia, terapia de dança; massagem, terapia do espelho, acupuntura e massoterapia.

Ademais, reflete-se que o brincar terapêutico no contexto da internação infantil facilita o contato entre o terapeuta e a criança, uma vez que proporciona uma comunicação efetiva. Assim, é possível proporcionar uma assistência integral, intervindo com o objetivo de dar suporte diante do sofrimento psicológico e físico, a fim de proporcionar alívio ou extinção deste fenômeno que atravessa a criança e seus familiares².

A hospitalização implica na necessidade de adaptação tanto por parte da criança quanto da família, pois sua rotina sofre graves alterações em decorrência da doença. A criança é afastada do lar, escola, amigos e familiares, além de enfrentar uma série de procedimentos invasivos e dolorosos durante o período de internação. A partir disso, essas novas experiências desencadeiam uma série de sentimentos, como a tristeza, insegurança e medo. Quando a internação é decorrente do tratamento do câncer, tudo isso se torna ainda mais desafiador, visto que se trata de um tratamento prolongado e que causa grandes impactos emocionais. Neste contexto, o emprego de atividades lúdicas são fundamentais para que os profissionais possam atenuar os efeitos significativos do tratamento oncológico².

O ato de brincar tem um papel crucial no desenvolvimento motor, social, emocional e psicológico das crianças. Por meio do lúdico, elas aperfeiçoam suas



habilidades de coordenação motora, exploram os movimentos corporais, estimulam o seu intelecto e adquirem a capacidade de estabelecer relações sociais com outros da mesma faixa etária, além de desenvolver habilidades de resolução de problemas(4). Brinquedoteca no contexto hospitalar.

3-Brinquedoteca no contexto hospitalar

Na atualidade, a Portaria número 140, emitida em 27 de fevereiro de 2014 pela Secretaria de Atenção à Saúde e publicada no Diário Oficial da União, trouxe uma revisão das diretrizes de supervisão e avaliação de instituições de saúde especializadas em tratamento de câncer. Essa revisão se concentrou principalmente nas condições de infraestrutura e operacionais relacionadas ao Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, essa Portaria também destacou a importância da Lei 11.104/05(5), a qual estabelece a obrigatoriedade da instalação de brinquedotecas em unidades de saúde que prestam atendimento pediátrico em regime de internação. No artigo 40 do Capítulo VI, que aborda as responsabilidades das esferas de gestão do SUS, fica determinado que as Secretarias de Estado de Saúde têm a incumbência de planejar, em colaboração com as autoridades municipais, a cobertura de serviços especializados em oncologia, seguindo os critérios e diretrizes estabelecidos na mencionada Portaria⁵.

Neste contexto, tendo em vista o implante da infraestrutura especializada pelo SUS, e como foi mencionado no decorrer do artigo, cabe enfatizar que o período de hospitalização na infância é frequentemente descrito na literatura como um momento de sofrimento, tanto físico quanto emocional, para a criança. Isso se deve às alterações significativas e únicas que ela enfrenta. Durante a hospitalização, a criança é submetida a procedimentos médicos rotineiros, ao mesmo tempo em que se afasta da família, da escola, dos amigos e dos brinquedos. As atividades diárias normais dão lugar a uma rotina marcada pela angústia, medo, dor e tristeza, muitas vezes experienciados pela criança de forma incompreendida e rejeitada⁷.

Esse impacto requer uma atenção especial, o que tem sido denominado no campo da saúde social como "processo de humanização hospitalar." Esse processo é considerado uma prioridade no âmbito nacional, estabelecido por políticas públicas de saúde e legislação em vigor. No contexto do atendimento infantil, a humanização faz uso da ludicidade e das brincadeiras, fundamentando-se na crença de que as crianças se

conectam com um mundo fantástico e mágico, o que proporciona um meio para expressar e aliviar suas angústias e sofrimentos⁷.

Assim, a implementação de brinquedotecas em ambientes hospitalares desempenha um papel fundamental. Estas brinquedotecas representam espaços mágicos que estimulam a imaginação das crianças por meio de atividades lúdicas, auxiliando-as a compreender e aceitar sua situação atípica. Isso, por sua vez, contribui para que elas desenvolvam um senso de segurança e confiança, à medida que expressam seus sentimentos e emoções, encontrando alívio para suas tensões, medos e ansiedades⁸.

Diante disso, o ato de brincar é considerado uma parte fundamental do crescimento e desenvolvimento infantil, e deve ser incorporado em todas as fases da vida da criança, especialmente quando enfrentam condições de saúde crônicas, tratamentos prolongados e, em alguns casos, indefinidos, como no caso do câncer. Assim, as atividades lúdicas desempenham um papel de extrema relevância no desenvolvimento da criança e, por conseguinte, devem ser uma parte integrante de seu dia a dia⁸.

Devido às neoplasias, é observado que crianças enfrentam desafios cognitivos em relação ao ato de brincar e ao desempenho acadêmico. Esses desafios podem ser resultado do uso de medicamentos ou sequelas decorrentes dos tratamentos. Entre os tipos mais comuns de câncer em crianças e adolescentes estão as leucemias, que afetam os glóbulos brancos, os tumores do sistema nervoso central (SNC) e os linfomas que envolvem o sistema linfático. Além disso, condições como o retinoblastoma, que afeta a retina, o osteossarcoma, que é um tumor ósseo, o neuroblastoma, que atinge o sistema nervoso periférico, e os tumores do SNC, podem resultar em sequelas, como amputações, cegueira parcial ou total, perda da fala e desafios no crescimento físico. Como resultado dessas dificuldades, essas crianças passam a ser um público-alvo da educação especial⁹.

O ato de brincar, jogar, fantasiar-se e contar histórias por meio de representações teatrais oferece às crianças em tratamento oncológico, que também frequentam a classe hospitalar, a oportunidade de desenvolver diversas habilidades. Isso inclui o aprimoramento da concentração, coordenação motora global, noções de

espaço, percepção viso-motora, equilíbrio e ritmo. Além disso, essa abordagem permite que a criança se reconheça em seu próprio corpo por meio da expressão individual, e o mais importante, não se afaste do processo de aprendizagem, mesmo quando ausente da escola⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalização de crianças com câncer representa um desafio complexo que vai muito além dos aspectos puramente clínicos. Este artigo explorou o impacto profundo dessa realidade, destacando que, embora a hospitalização não seja uma barreira intransponível para o desenvolvimento infantil, ela certamente acrescenta dificuldades significativas, quando comparada às experiências de crianças que não enfrentam condições de saúde tão desafiadoras.

Uma das mudanças mais impactantes que a hospitalização traz para a vida de uma criança com câncer é a súbita transformação de seu ambiente. O ambiente hospitalar, com seus 8 procedimentos médicos e espaços desconhecidos, pode ser desconcertante e desorientador, afetando diretamente a capacidade da criança de brincar - uma atividade central em seu desenvolvimento. Brincar é a forma como as crianças elaboram e compreendem o mundo ao seu redor, e a hospitalização pode comprometer essa faceta vital de seu crescimento.

REFERÊNCIAS

1. Câncer infantojuvenil: diagnóstico precoce possibilita cura em 80% dos casos.[Internet]. [cited 2023 11]. Available from :<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/fevereiro/cancer-infantojuvenil%20diagnostico-precoce-possibilita-cura-em-80-dos%20casos#:~:text=O%20instituto%20federal%20%C3%A9%20vinculado>
- 2.Silva TPD, Leite JL, Stinson J, Lalloo C, Silva IR, Jibb L. Estratégias de ação e interação para o cuidado à criança hospitalizada com dor oncológica crônica.Texto & contexto enferm. 2018; 27(4):e3990017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018003990017>



3.Paes TV, Rodrigues FMA, Ávila LKD. Métodos não farmacológicos para o manejo da dor em oncologia pediátrica: Evidências da literatura.Rev. bras. cancerol.2021; 67(2): e-031027 DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2021v67n2.1027>

4. Baumartt TN. O brinquedo terapêutico no cuidado da criança com câncer em tratamento quimioterápico: uma revisão integrativa [dissertação]. Porto Alegre:Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2019

5. Brasil. Ministério da Saúde. LEI n. 11.104/05. 2005. [Internet]. Brasília (DF); 2005 [cited 2023 out 14].Available :http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm [Internet].Brasília from

6.Brasil. Ministério da Saúde. Portaria n.140/14. Secretaria de Atenção à Saúde. Diário Oficial da União. (DF); 2014 [cited 2014 nov 28]. from:https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2014/prt0140_27_02_2014.html Available

7.Carvalho DA. A Brinquedoteca Hospitalar como Produto do Discurso Legal e da Proposta de Humanização para Crianças em Tratamento Oncológico [dissertação].Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2019.

8.Furley AKL, Pinel H. brinquedoteca hospitalar: espaço de práticas pedagógicas para uma educação especial inclusiva. Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, v. 3, n. 3, 2020 [cited 2022 May 14]. Available from: rrsilva,+157.docx (4).pdf

9.Oliveira JJAB, Matos ODS. Brinquedoteca hospitalar: importância para o brincar da criança hospitalizada com câncer.R. Bibliomar, São Luís, v. 18.[cited 2020 May 20]. Available from: <https://1library.org/br/download/874419871054626817>